

Novas tecnologias: *Novos Professores? Novos Saberes?*

New technologies: new teachers? New knowledge?

Daniele Cristina Mendes¹

Resumo

A integração da educação com a informação-comunicação precisa ter seu lugar repensado dentro das escolas. Neste artigo tento instigar reflexões no trato das questões referentes às novas tecnologias e suas implicações na leitura, na linguagem e na formação dos professores.

Palavras-chave: Leitura, Internet, Formação Docente

Abstract

The integration of education with the information and communication, must have rethought its place within the schools. In this article I try to instigate reflections on issues concerning the treatment of new technologies and their implications for reading, in language and training of teachers.

Key words: Reading, Internet, Teacher education

Considerações iniciais

Na sociedade pós-moderna a quantidade de informações cresce vultosamente se comparada aos momentos anteriores em que a tecnologia da informação não estava sendo gerada no meio digital.

O acesso à informação, de modo rápido e eficiente, é um problema encontrado por um grande número de usuários. Existem duas maneiras de o leitor buscar as informações na rede: pela navegação e pela busca de palavras-chave. Um primeiro problema referente a esses canais de comunicação entre a informação e o usuário são as palavras utilizadas na

¹ Graduada em Pedagogia pela UFMG e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG. Linha de pesquisa: Educação e Linguagem. E-mail: dcmendes_ufmg@yahoo.com.br

representação de um assunto. Muitas das vezes, o usuário da web pode não possuir conhecimento de determinada área e usar palavras que não representam sua consulta/busca. Um segundo problema é pesquisar, dentre as respostas obtidas pela consulta, que documentos possuem as informações desejadas. Nesse processo, é necessário que o usuário leia cada documento-resposta. Percebe-se, a partir desta exposição inicial, que é necessário “letrar” os usuários para o ambiente digital. Saber comportar-se enquanto navegador é adquirir práticas de letramento que é a

palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: **letra**-do latim *littera*, e o sufixo **-mento**, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, 1998, p.18) (grifos do autor)

A comunicação mediada pelo uso do computador e sua relação com os hipertextos inerentes a esse contexto tecnológico de produção solicitam aos sujeitos uma nova postura enquanto leitores e escritores, exigindo desses a necessidade de um novo letramento que, segundo Magda Soares, seria um

(...)letramento digital: um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, p. 152)

No hipertexto as informações são acessadas através do bloco de textos ou links de navegação. A organização textual, estando disposta em blocos, permite a cada leitor realizar uma seqüência particular de leitura, o que nos leva a pensar numa perspectiva ativa de leitura no meio digital. A hipermídia é composta pelo hipertexto acrescido da multimídia, que pode ser representada pela associação do vídeo, da imagem, do som e do texto num mesmo bloco informacional. A navegação pela hipermídia pede ao leitor uma interatividade no ato de ler, já que o bloco de informações textuais ou imagéticas presentes na tela se materialize no espaço da tela, seja pela rolagem do conteúdo ou pela entrada nos links.

Segundo Lévy (1993), a interface hipertextual pode ser considerada uma “tecnologia da inteligência”, aproximando o esquema hipertextual do modelo mental cognitivo, o que nos sugere que o leitor da tela deve exercer, além das práticas convencionais de leitura, a prática de novas capacidades interacionais com o texto na tela. Daí a necessidade de pensarmos em letramentos, no plural, referentes às práticas de leitura e escrita nos diferentes suportes: impresso e digital.

Definir se o computador enquanto ferramenta tecnológica pode auxiliar ou não a produção da leitura e da escrita na escola é tão complicado quanto discutir se a escola vem construindo seu trabalho numa perspectiva do letramento, já que ambos objetos, letramento e “nova” tecnologia, são conceitos “imbuídos de conflitos ideológicos, modelados por forças da economia, da história e da política” (Marcuschi, 2001, p. 02).

Questões de leitura

Algumas questões parecem óbvias, mas se deslocadas para a questão da leitura na tela, as respostas ainda não estão claras. Podemos nos perguntar: o que é ler? Que tipo de práticas poderiam ser reconhecidas como práticas de leitura na tela? Existe a boa ou a má leitura? Para se tornar um bom leitor é preciso ler os clássicos? E o que seria um clássico na internet?

Calvino (1993) considera que cada leitor deve montar uma biblioteca ideal com seus próprios clássicos, tendo a constituição dessa biblioteca uma relação particular da experiência do leitor com as obras. Podemos falar em clássicos no suporte impresso, mas como denominarmos os clássicos no meio digital? Esse mesmo autor define uma obra como um clássico, quando essa obra ultrapassa o instante temporal da sua produção e se insere num cânone constituído por outras obras resistentes às mudanças culturais. Podemos observar que a escola tem um papel fundamental no processo de canonização de uma obra, *através da delimitação do que merece ser transmitido e reconhecido e o que não merece* (BOURDIEU 1996, p 169). Tratando da inserção do trabalho midiático na escola, a internet pode ser um espaço de inclusão de leitores, pois é saber de todos, que a distribuição dos livros não se faz por igual entre as classes sociais. É importante que a escola se torne parceira da mídia, pois:

enquanto a escola ficar no papel tímido de espectadora ressentida de uma sociedade que se pauta pelo mercado e pelas imagens de sucesso individual, de culto narcísico do corpo, de ilusão de felicidade dada pelo consumo real e imaginário, estará apenas marcando seu lugar como ausente do seu tempo (FISCHER, 1999, p. 29).

Os professores são fundamentais para a mediação que poderá refinar o uso de novas tecnologias no ambiente escolar. Stahl afirma que

o uso das novas tecnologias, sem dúvida, amplia consideravelmente o nível de informação, certamente contribui para o aumento do conhecimento, mas somente o professor, somente o ser humano, pode alcançar a sabedoria e ajudar outros a alcançá-la (STAHL, 1997, p 293)

Pesquisando comunidades relacionadas ao tema internet no site de relacionamento orkut, encontramos a comunidade “Sou viciado(a) em internet!” composta por 63.997 membros. Nessa comunidade realizou-se a enquete “em qual dos dois você fica mais tempo online?”, referindo-se ao orkut e ao msn. A pergunta gerou 889 respostas, sendo 55% dos votos (492 membros) respondendo passar a maior parte do tempo conectados ao msn e outros 45% (397 membros) assumindo ficar no orkut na maior parte do tempo de navegação. A internet está além dos canais de comunicação: orkut e msn. Mas, para que os leitores encontrem sites-assuntos-interesses, é preciso fazer um trabalho de busca na internet. A escola pauta suas atividades pedagógicas pelo suporte impresso e grande parte dos alunos que têm acesso à rede, buscam mais informações solicitadas pelos professores na web do que nos livros ou nas bibliotecas escolares. A forma de ler na internet parece *bem distanciada da nossa prática escolar, orientada para uma ordem lógica, instituída pela escrita e reforçada pela imprensa.* (QUEIROZ, 2001, p. 163)

O que podemos dizer, tomando em consideração a história da leitura, é que um suporte não exclui o outro. Da leitura oral ao suporte impresso até a chegada do suporte eletrônico, não vimos nenhuma prática de leitura ser extinta. Mudam-se os protocolos de leitura, mas as práticas co-existem ao longo das atividades humanas. A escola, enquanto instituição oficial de transmissão de saberes, deve estar ligada às mudanças propiciadas por uma nova tecnologia.

Linguagem e novas tecnologias

A linguagem para Bakhtin (1997) é formada por duas forças estruturantes que o autor chama de *centrípeta* e *centrífuga*. A primeira é aquela que diz respeito aos mecanismos de formação central da língua, ou seja, aquela que se caracteriza como a língua oficial e que pode ser entendida como parte da identidade nacional. A segunda descentraliza: é aquela ligada à variação lingüística, ou seja, aquela que, apesar de fazer parte de uma unidade central, caracteriza-se por uma variação de acordo com o local, o uso, a instituição que a utiliza. Para Bakhtin os discursos produzidos pelos sujeitos estão focados nessas duas forças, centralizando e descentralizando os discursos, tornando a linguagem fruto do histórico, do cultural e do social. Os discursos são organizados em enunciados que organizam o processo comunicativo. Esses enunciados nos revelam a natureza dialógica da linguagem. Ou seja, para constituir essa natureza dialógica é preciso sempre a presença do outro e esse outro, para Bakhtin, tem importância fundamental, pois é através dele que podemos pensar no conceito de polifonia. A polifonia é o conjunto das várias vozes que um enunciado possui. O que eu escrevo neste momento é resultado de várias leituras, de várias vozes.

Os gêneros do discurso são instâncias comunicativas que organizam a nossa comunicação, seja oral ou escrita. É através dos gêneros que selecionamos quais os instrumentos textuais fazem parte do processo comunicativo e interativo que pretendemos estabelecer com o outro. Bakhtin (1997) diferencia os gêneros do discurso em *primários* e *secundários*. Os gêneros discursivos primários são aqueles que fazem parte da comunicação cotidiana e que possuem formas mais simples de uso. Os gêneros secundários do discurso são aqueles que possuem formas mais complexas de uso e que necessitam de maior capacidade de elaboração do conteúdo e forma, seja na forma escrita ou oral. Os gêneros são criados a partir das necessidades dos sujeitos se comunicarem em situações diferenciadas.

As novas necessidades comunicativas que surgiram devido ao uso do computador na linguagem, aliado às alterações de construção de sentidos pela presença do hipertexto eletrônico propõem a existência de novos gêneros textuais. De acordo com Marinho

(2001:99), *o estudo dos gêneros discursivos constitui formas importantes para o conhecimento de uma sociedade, de uma cultura.*

Os gêneros são resultados das diferentes necessidades comunicativas das pessoas no seu cotidiano. A dinamicidade e a virtualidade, aspectos da escrita no ciberespaço, dão aos diferentes estilos de texto formas textuais diferenciadas, remetendo-nos à idéia de que os suportes e os usos das tecnologias exercem nos sujeitos novas implicações nas estratégias cognitivas de leitura e escrita.

O suporte em que o texto se encontra também influencia a emergência de novos gêneros de escrita, e o leitor amplia seu leque de possibilidades de leitura à medida que entra em contato com esses suportes e gêneros reconfigurados. (RIBEIRO, 2005:133)

Na internet, os discursos se manifestam através dos textos digitais. O assunto, a forma, o contexto e os possíveis interlocutores (aqui, navegadores) nos dizem muito sobre o sujeito-autor. De acordo com Coscarelli (2007: 09) *uma questão de compreensão de texto pode lidar não só com a construção de sentido, mas também com os mecanismos lingüísticos usados pelo autor.* As escolhas realizadas com relação aos gêneros, recursos lingüísticos e estruturação textual no qual o discurso foi fundamentado, dizem-nos sobre a capacidade de escrita e leitura dos sujeitos na tela.

A escolha do uso de um gênero em detrimento de outro pelos sujeitos nos indica que essas escolhas, originadas por uma reflexão lingüística, são frutos das diversas estratégias de planejamento da escrita, na tentativa de o sujeito se fazer entender através de um conteúdo ou na tentativa de repassar um conhecimento. Schneuwly (2004) explicita em um dos seus estudos essa dimensão relacional entre os sujeitos e a linguagem:

(...) toda ação de linguagem implica, por outro lado, diversas capacidades da parte do sujeito: adaptar-se às características do contexto e do referente; mobilizar modelos discursivos; dominar as operações psicolingüísticas e as unidades lingüísticas. (SCHNEUWLY, 2004:74)

A formação dos professores para as tecnologias digitais

Os textos multimodais estão gerando múltiplas perspectivas para a educação. Porém, cabe ao professor adequar as atividades para o novo espaço tecnológico. Não basta digitalizar o material, o livro, o texto ou as atividades. É necessário redimensionar os usos educacionais para que a aprendizagem dos alunos seja facilitada e ampliada.

A formação do professor para o trabalho com as novas tecnologias é uma importante questão a ser discutida nos cursos de licenciatura. A produção escolar que a internet possibilita é inumeravelmente maior que o trabalho realizado com o livro didático. Porém, é preciso saber utilizar os recursos disponíveis. Não estou propondo que a internet substituirá os livros didáticos. Longe disso, estou apenas argumentado que, pela própria questão da quantidade de informações e recursos, a internet pode ser um objeto de grande valia a ser utilizado nas salas de aula. Certamente, não será o trabalho com o livro didático ou com a internet que atenderá todo o processo de aprendizado da leitura e da escrita. É um conjunto de fatores sociais que auxiliam no processo de aquisição das capacidades de fazer uso da leitura e da escrita. Para isso,

[...] é crucial [...] expandir o raio de compreensão e de ação de uma política pública comprometida com o acesso de todos à leitura-escrita, percebendo que o pano de fundo da prática pedagógica e da formação de professores se coloca na dimensão cultural, exatamente naquele processo onde homens e mulheres, adultos e crianças não só estão imersos, mas também são sujeitos da cultura (KRAMER,1993, p.191).

A pesquisa realizada por Silva (2004) perguntou se a informática poderia auxiliar os professores a realizar uma prática docente diferenciada, tanto nas questões das apropriações da tecnologia quanto com os usos da tecnologia em sua própria formação docente. O pesquisador nos coloca que, para incorporar a tecnologia em seu trabalho, o professor necessita primeiramente ter acesso a ela. Isso nos faz refletir sobre a questão da inclusão digital. A tecnologia está disponível a todos? Como tratar das questões das desigualdades, num país em que o acesso aos livros e aos bens culturais é tão diferenciado? O pesquisador ainda ressalta que o trabalho do professor aliado às tecnologias pode

melhorar suas percepções acerca do mundo e sua cultura em geral em sala de aula, a imersão nesse contexto possibilita aos educadores uma aquisição de aprimoramentos relacionados a outros saberes, tais como idiomas e recursos para atividades acadêmicas. (SILVA, 2004, p. 136)

Na perspectiva dos alunos, um estudo realizado por Bandeira (2003) pergunta se a internet contribui para a formação de um outro tipo de leitor e se as práticas de letramento mediadas pela internet estão permitindo a formação de uma outra linguagem, tomando como referência a linguagem do impresso. A autora chega à conclusão que

tal demanda por novas habilidades indica que há exigências maiores na leitura de textos eletrônicos do que na leitura de impressos (BANDEIRA, 2003, p. 58) [e que] o ato de leitura intensiva num estado de recolhimento que o livro possibilitava dá lugar, agora, a uma leitura extensiva e dispersa (Op. Cit. p. 94)

Estas questões nos levam a refletir sobre essa nova possibilidade pedagógica que vem surgindo com a internet. As duas pesquisas nos sugerem que há mudanças tanto do lado dos professores quanto dos alunos para tratar das questões do uso da internet no processo educacional. O computador é uma ferramenta que necessita ser pedagogicamente inserida na sala de aula, para não correremos o risco de disponibilizarmos um material que pode não ser utilizado na potencialidade que ele permite. Conclui-se que

a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (SOARES, 2002, p. 152)

Considerações Finais

As nossas escolas ainda se encontram fundadas no velho paradigma da linguagem escrita e da oralidade. A incorporação das novas tecnologias tem-se constituído nas bases das práticas educativas já conhecidas. A integração da educação com a

informação-comunicação precisa ter seu lugar repensado dentro das escolas. É preciso investir na formação dos professores, é essencial repensar o material didático para essa nova realidade. A educação escolar tem como um dos seus objetivos preparar a população jovem para a vida plena na cidadania, possibilitando a todos a posse da cultura letrada e dos instrumentos mínimos para a vida em sociedade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fonte, 1997.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COSCARELLI, Carla Viana. *A produção de gêneros textuais*. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.
- FISCHER, Rosa Maria B. Identidade, Cultura e Mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, Luis Heron (org.) *Século XXI. Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- KRAMER, S. *Por Entre as Pedras: Armas e Sonhos na Escola*. São Paulo: Ática, 1993.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, v.4, n.1, p.79-111, 2001.
- MARINHO, Marildes. A oficialização de novas concepções para o ensino de português no Brasil. *Tese de doutorado da Faculdade de Letras*. Unicamp. 2001
- QUEIROZ, Sonia. Poesia em imagens, sons e páginas virtuais. In MARINHO, Marildes (org). *Ler e navegar: espaço e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 2001
- RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita In. COSCARELLI, Carla, RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005
- ROCHA, E. A. C. Pré-escola e Escola: Unidade ou Diversidade. *Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina*. Santa Catarina, 1992
- RODRIGUES, Neidson. *Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- SCHAFF, A. *A Sociedade Informática: as Conseqüências da Segunda Revolução Industrial*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, Brasiliense,1990.

SCHNEUWLY, Bernard (2004). Os Gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetivos de ensino in SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. ROJO, Roxane, CORDEIRO, Glaís Sales. Campinas, SP: Mercado das letras, p.71-91.

SILVA, Sandro Luiz da. Letramento digital de professores em contexto de formação continuada. *Dissertação de mestrado do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais*. 2004

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Novas possibilidades de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, v. 23, n.81, p. 143-160, dez 2002.

STAHL, Marimar M. Formação de professores para uso das novas tecnologias de comunicação e informação. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.